

O projeto gráfico da Revista Fraude: cooperação didática entre Comunicação e Design

Fátima Aparecida dos Santos, Fábio Sadao Nakagua

Este é um artigo sobre a construção de um projeto gráfico para revista impressa. A Revista Fraude é produto do programa de tutoria da Faculdade de Comunicação Social da UFBA e, por isso, sua elaboração é resultado de prática pedagógica. Ainda que sem definir procedimentos didáticos, na elaboração da revista foram aplicadas didáticas como: aprendizado por resolução de problemas, aprendizado por elaboração de projeto e co-design. Como resultado obteve-se um projeto gráfico que melhorou efetivamente a relação verbo visual da revista e com isso permitiu maior fruição das leituras ofertadas.

Palavra-chaves: Projeto Editorial, Didática, Diagrama, Significado.

The graphic design of Revista Fraude: didactic cooperation between Communication and Design

This is an article about the construction of a graphic design for a print magazine. Revista Fraude is the product of a mentoring program from the School of Social Communication at UFBA, and therefore its development is the result of teaching practice. Although didactic procedures were not defined, in the journal preparation teaching practices were applied, such as learning by problem solving, learning by project design and co-design. The result was a graphic design which effectively improved the visual-verbal relationship of the magazine, and it allowed greater enjoyment of the offered readings.

Keywords: Editorial Project; Didactics; Diagram; Meaning.

Introdução

No presente artigo se relata a experiência da parceria entre o Curso de Comunicação Social da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e o Curso de Design da UnB (Universidade de Brasília) através do trabalho dos professores autores: Fátima Aparecida dos Santos e Fábio Sadao Nakagwa.

O design gráfico e o jornalismo impresso são parceiros de longa data na função de produzir leitura agradável e significativa. Entretanto, muitas vezes, na ânsia de formar egressos independentes, as faculdades tanto de comunicação como de design não promovem a relação necessária entre os estudantes das duas áreas. Ora, nem é possível produzir um bom design gráfico editorial sem texto bem como texto impresso sem design gráfico.

Muitos são os erros incorridos na produção de revistas: dissociação texto imagem; desprezo das condições de legibilidade; desconhecimento de modos de hierarquizar informações; escolha inapropriada de paleta de cores, de sistemas cromáticos e falta de balanceamento de claro e escuro; constantes alterações na diagramação que resultam na perda da identidade do impresso; e, o desconhecimento dos processos de impressão e acabamento.

Tanto na Universidade de Brasília quanto na Universidade Federal da Bahia os cursos de Comunicação Social e Design pertencem a unidades acadêmicas diferentes. O curso de Comunicação faz parte, em ambas instituições, da Faculdade de Comunicação Social, e o curso de Design pertence ao Instituto de Arte. Tal distanciamento nubla o fato de serem áreas profissionais próximas que possuem pontos de interseção, especificamente na área gráfica e editorial.

Na Universidade de Brasília o PPI - Projeto Pedagógico Institucional favorece o trânsito interdisciplinar dos estudantes já que pelo menos 30% dos créditos devem ser feitos em outros cursos. O currículo do curso de design da UnB possui disciplinas obrigatórias na Faculdade de Comunicação, algumas optativas e o aluno ainda pode investir créditos de livre uso singularizando a sua formação. Já a área de Comunicação, possuiu Diretriz Curricular Nacional com maior definição de objetos de estudo sendo que o ensino de design gráfico é optativo em muitos cursos e em outros se quer existe. A FACOM/UFBA oferta a disciplina de Programação Visual, Fotografia, Computação Gráfica e Quadrinhos como optativas e todas ministradas na própria unidade.

Outra oportunidade para o aluno aprender é o PET (Programa de Educação tutorial). Criado em 1979 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em 1999 passou a ser gerenciado pela Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC). O PET (Programa de Educação Tutorial) é direcionado à graduação, visa contribuir com formação acadêmica dos estudantes envolvidos e diminuir as distâncias entre a Universidade e à comunidade externa. O Programa financia vários grupos de estudantes de universidades brasileiras públicas e privadas, que têm como tutor um professor designado pela unidade e realizam diferentes atividades extracurriculares, todas tendo como base a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O PETCom/UFBA conta com laboratório próprio, equipado com armário, sofás, cadeiras, mesas, computadores e material de estudo. Nele os estudantes se reúnem e desenvolvem seus trabalhos. Eventualmente o PETCom também conta com o laboratório de informática da FACOM para a realização de oficinas e reuniões de diagramação e produção.

O PETCom/UFBA atualmente é composto de doze alunos bolsistas e tem como tutor o professor Fábio Sadao Nakagawa. Os bolsistas desenvolvem suas atividades em horário complementar à graduação. Promovem elaboração de reportagens, cobertura e produção de eventos, oficinas de interesse para outros estudantes, discussões acadêmicas, mantêm um site, e por fim, são os responsáveis pela elaboração, publicação e lançamento da Revista Fraude.

A Fraude é uma revista experimental de jornalismo cultural, criada em 2004. Tem como principal linha editorial a abordagem das manifestações artísticas e culturais que ocorrem na cidade de Salvador. Seu nome é ao mesmo tempo um enigma e também uma ácida crítica a ideia de novidade, originalidade e ineditismo, presente principalmente nos meios de comunicação e na cultura, conforme foi divulgado no editorial do primeiro número da revista, que afirma que “o novo é uma fraude – mas a Fraude não quer ser o novo. Então, o que é a Fraude?” (EDITORIAL FRAUDE #1, 2004, p.3).

No segundo semestre de 2012 o professor Fábio Sadao Nakagawa entendeu que era necessário maiores conhecimentos sobre design gráfico para que a publicação pudesse ser impressa. Foi desta necessidade que nasceu a parceria entre os Cursos de Design/ UnB e Comunicação/UFBA. Inicialmente foi proposto uma oficina com o objetivo de modificar pontos específicos relacionados à diagramação. Posteriormente, a partir da sua

décima primeira edição, comemorando os seus dez anos de publicação, a revista ampliou a tiragem de mil para dois mil exemplares e passou a ser inteiramente impressa em cores oportunizando a elaboração de um novo projeto gráfico.

Vencedora em 2012 na categoria Revista Impressa do prêmio Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), oferecido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e principal produto do Petcom, com tiragem entre 500 e 2000 exemplares, distribuição gratuita, a Revista Fraude tem periodicidade anual e o seu público-alvo principal é composto por estudantes de graduação de ambos os sexos, na faixa etária entre 18 à 25 anos.

Este artigo versará sobre os processos, práticas didáticas, oficinas e trocas que foram necessárias para a criação de um novo projeto gráfico para a Revista Fraude. Entendeu-se que era necessário a promoção de atividades didáticas com a finalidade de sensibilizar os estudantes quanto à importância de tal renovação.

Encontro gráfico e diagnóstico

Em Março de 2013 ocorreu a primeira interação de design junto ao PETCom/UFBA. A preocupação inicial foi diagnosticar quais conhecimentos os bolsistas possuíam, como reconheciam elementos de projeto gráfico e como conseguiam sintetizar os conceitos em visualidade. Para tanto foi feito uma roda de conversa na qual os participantes se apresentaram, falaram de suas funções na produção da revista e analisaram uma imagem de página dupla projetada. Percebeu-se que a turma tinha bom conhecimento de diagramação e uso de software mas não conseguiam articular os elementos de modo a resultar em uma identidade gráfica. Também não conseguiam relacionar a quantidade de caracteres ao espaço necessário para a diagramação da revista e por esse motivo, algumas matérias resultavam em muitas colunas de texto, variação do tamanho de margem, ausência de imagens ou com boas fotografias ocupando menos de um terço da largura da página, tudo isso na tentativa de incluir matérias longas em espaço reduzido. A variação da quantidade de caracteres por matéria também fazia com que a mancha gráfica variasse muito e juntamente com o uso de texto justificado promovia fadiga visual no leitor. Outra limitação apresentada pelos estudantes foi a necessidade de imprimir o miolo da revista com uma única cor o que eles consideravam ser apenas o preto. Nesse sentido foi explicado a

eles que poderiam utilizar qualquer uma cor e que o custo de produção seria o mesmo e, mesmo essa cor, poderia variar de porcentagem em uma escala tonal.

A ausência de conhecimento sobre os processos gráficos e impressão de cores fazia com que as reportagens tivessem um grande contraste entre o preto e o branco e, muitas eram as matérias que utilizavam letra branca sobre o fundo preto (Figura 1).

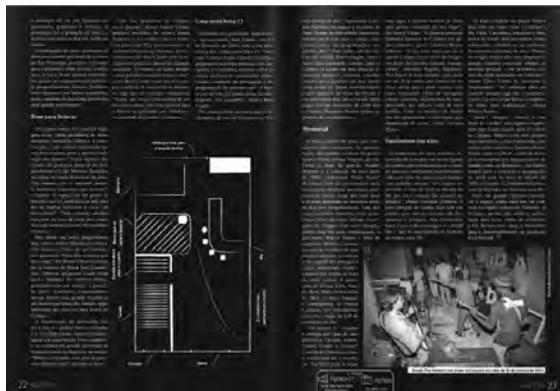


Figura 1. Página dupla da Revista Fraude nº10 com fundo preto e texto branco justificado.

Um dos problemas que mais saltou aos olhos foi a falta de identidade entre os números da revista Fraude já impressos. Cada novo grupo de bolsistas que produzia a revista gerava uma visualidade diferente da anterior. Mesmo em cada número produzido percebeu-se que cada texto era pensado como um projeto isolado. A falta de coerência visual residia no fato de que para cada reportagem existia um diagramador diferente que trabalhava isolado do resto da equipe. Assim, em cada matéria, até era sugerida uma unidade entre imagem e texto mas não havia uma conexão entre toda publicação resultando em um projeto gráfico confuso.

Na revista imperava o desconhecimento em relação ao modo de uso de elementos gráficos como box e olho, muitas vezes destacando mais o corpo de texto da matéria do que subtítulos, olhos e outros elementos de estilo. O box normalmente utilizado para uma narrativa complementar e paralela à matéria era usado como local para iniciar ou concluir uma reportagem. Quanto ao uso da tipografia, na Fraude 9, por exemplo, foram utilizadas onze fontes diferentes para os títulos em toda revista.

No painel 1 é possível ver a capa, o sumário, o editorial e as páginas 14 e 15 da revista número 10, sem projeto gráfico definido. Nota-se o uso de texto justificado, constituindo um bloco pesado na parte inferior da página. Também nota-se a variação tipográfica, o uso do contraste preto e branco e a concorrência visual entre a imagem que ilustra a matéria de página 14 e a matéria da página 15.

Após a roda de conversa, os estudantes concordaram que os principais problemas a serem sanados no novo projeto gráfico seria: a “salada tipográfica”; a falta de coerência entre texto e imagem; a desorganização de informação em algumas páginas como no sumário, créditos, etc; o uso irregular de box e olho; a falta de unidade da revista como um todo resultando em matérias com designs muito diferentes; a falta de planejamento para posicionar as reportagens ao longo da publicação, não balanceando mancha e densidade das matérias, resultando em fadiga visual; e, ainda, uma especial atenção à hierarquia informacional da revista.

68



Painel 1: Fraude 10

Repertório e projeto

Depois da fase de diagnóstico, foi ministrada uma aula com a finalidade de despertar a iniciativa de pesquisa visual por parte dos alunos, bem como ensinar a construir os elementos iniciais de um projeto gráfico. A primeira etapa foi propor um exercício de reconhecimento da mancha e do grid da revista. O exercício consistia em trabalhar com a revista impressa, sobrepô-la com papel vegetal, traçando com cores diferentes as principais linhas guias de uma matéria. Também foi observado nesse exercício a variação de mancha em cada página, o uso de entrelinhas e, após a conclusão do exercício, foi construído um grande espelho por meio do qual se pode perceber o fluxo de informações da revista.

O passo seguinte foi incentivar os alunos a construírem um espelho pensando na nova edição. Foi distribuído uma base com 48 páginas em miniatura, projetado o título, quantidade de foto e de texto de cada matéria da nova edição. Pediu-se aos estudantes que pensassem na distribuição e na leitura da revista.

Um dos fatores considerados para a proposição do novo espelho e futuro grid foi o local e tempo que as pessoas tinham para ler a revista. Os alunos possuíam uma enquete realizada junto aos leitores na qual diagnosticaram que a maioria lia a revista em ônibus, no intervalo entre as aulas ou mesmo no banheiro. Tais informações sinalizaram a necessidade de uma revista um pouco mais leve na sua legibilidade mas sem perder o foco dos assuntos e discussões que já marcam a publicação desde a sua fundação.

A partir da quantidade de tipografias utilizadas nos números anteriores da revista, observou-se que era necessário trabalhar tal assunto com os alunos. Foi abordado o tema 'comportamento tipográfico' explicando a anatomia dos tipos, a história e origem das fontes, etc.

Foi ensinado aos alunos um conjunto de recursos para o uso mais adequado dos tipos: pesquisa de fontes, estrutura das famílias tipográficas, tradução do tamanho de pontos em milímetros e peso de fontes. Foi selecionada uma das matérias da nova revista para que os alunos pudessem fazer uma experimentação tipográfica e comparassem os resultados. Também foi ensinado aos alunos o processo de instalação de fontes, o modo de fechamento de arquivos e envio de tipografias para a gráfica. Outro recurso dado foi a instituição de estilos em programas de editoração gráfica como o Indesign e a construção de uma biblioteca de tipos.



Figura 2. Construção de espelho e estudo do fluxo de leitura ao longo da publicação.

70



Figura 3. Uma das imagens projetadas ao aluno sobre anatomia dos tipos. Disponível em: <https://tipos.wordpress.com/2007/01/03/objetivo-classificacao-e-anatomia-2/> acessado em 22/01/2016.



Figuras 4 e 5. Alunos experimentam softwares e recursos na diagramação.

Após explicação, os estudantes definiram quatro famílias tipográficas para o novo projeto gráfico: Optima, escolhida para título e subtítulo; Baskerville, escolhida para texto; Ms Mincho para legendas e Heiti para textos de marcação. Procedeu-se a impressão de textos variando a entrelinha, pesos e alinhamentos a fim de verificar quais seriam os mais coerentes para a revista.

Durante o estudo de tipos foi constatado que os alunos, em sua maioria, aplicavam os títulos em linha, trabalhando pouco com a variação de entrelinha e por isso, muitas vezes acabavam tentando incluir desenhos ou elementos gráficos a fim de tentar dar maior ritmo para os títulos.

Assim, selecionou-se uma vasta quantidade de exemplos de usos tipográficos no qual a variação de tamanho, posição e outros recursos proporcionavam legibilidade, ritmo e impacto. A importância da hierarquia de informações também foi abordada fazendo com que os alunos percebessem que era possível guiar o olhar do leitor por meio da organização e distribuição de informações ao longo da página.



Painel 2. Variação do uso de tipografias.

Quanto ao uso das cores o número 11 da revista foi trabalhado inicialmente com a possibilidade de imprimir o miolo em Preto e Branco e, posteriormente, se iniciou o estudo das cores. Foi apresentado aos alunos a possibilidade de impressão monocromática aproveitando a variação tonal, a importância do uso de meio tons e a possibilidade do preto poder ser substituído por qualquer cor, incluindo uma cor especial. Para que o aluno entendesse tal processo foi necessário introduzir informações sobre a produção gráfica, os sistemas de impressão e os preparativos necessários à cada sistema de impressão.

Após autorizada a impressão em cores, os alunos foram orientados a construir uma paleta cromática. Foi explicado o funcionamento do sistema CMYK, a conversão de cor de luz para cor de pigmento, o comportamento e variação da percepção cromática em função das cores vizinhas, combinação por complementação, proximidade de matiz e a importância das cores e fundos neutros para a boa legibilidade da publicação. Finalmente foi escolhida uma paleta de cores inspirada na paisagem natural de Salvador: verde, azul, vermelho, amarelo ferrugem e magenta conforme paleta cmyk ilustrada a seguir.

72



c 003	c 022	c 081	c 069	c 003
M 088	M 056	M 001	M 014	M 099
Y 085	Y 096	Y 100	Y 000	Y 012
K 000	K 007	K 000	K 000	K 000

Painel 3. Paleta cromática.

Após reformulação do grid, elaboração do espelho, escolha das tipografias, dos estilos, da paleta cromática, da direção de artística e fotográfica, ainda restavam duas dúvidas entre os alunos: como garantir que matérias específicas tivesse diagramação significativa sem perder a relação de identidade com a revista e coesão entre os números que serão impressos no futuro? Qual é a função de um infográfico em uma revista e como construí-lo?

Para os dois questionamentos foram utilizados como exemplos princípios de design gráfico de Lupton e Phillips (2008). Uma das dicas para conseguir que uma publicação remeta ao conteúdo de suas matérias mas mantenha as características invariantes do projeto gráfico é trabalhar com camadas (layers). Elas permitem que o Grid e tipografia remetam ao projeto gráfico da revista como um todo, entretanto, também é possível sobrepor camadas nas quais possam ser trabalhados elementos gráficos relacionados às características individuais de cada matéria. Esses elementos são chamados de variáveis (ilustração, fotografias, utilizar ou não olho e outros elementos gráficos).

O conceito de camada vem do mundo concreto e tem uma longa história nas tradições de mapeamento e notação musical. Mapas e linhas do tempo utilizam camadas sobrepostas para associar diferentes níveis de dados, permitindo que eles contribuam com o todo, mas conservem suas identidades próprias. (LUPTON e PHILLIPS, 2008. p. 127)

A multiplicidade de visualidades geradas a partir da relação entre camadas e sobreposição de informações ilustrados pelas autoras impressionou positivamente os alunos que depois, na diagramação final da revista, conseguiram aplicar os conhecimentos de modo satisfatório.

Sobre o uso e a produção de infográficos, entendeu-se que para o seu aprendizado satisfatório seria necessário desenvolver um pouco mais as habilidades de representação e comunicação visual dos alunos. Foram sugeridas as leituras do conceito de Diagrama de Lupton e Phillips (2008, p. 199) no qual as autoras recuperam algumas discussões de Edward R. Tufte, explicam o conceito de design e mapa de informação. Evidenciou-se que o uso de infografia diferia de uma ilustração ou mesmo de um gráfico pouco complexo. Um infográfico tem como função “iluminar e explicar ideias complexas” permitindo que o leitor consiga traçar visualmente relações que seriam muito complicadas caso comunicadas apenas com textos e números.

Lupton e Phillips (op. cit.) sobrepõe o conceito de diagrama ao de infografia em função do fato de que ambos decorrem de um arranjo verbo/visual que pode sugerir evolução

temporal, hierarquia, fluxo de ideias, promoção de conexões, relações sobrepostas e construção de redes cognitivas.

Nesse ponto, os alunos compararam o conceito de diagrama de Lupton e Phillips com o conceito de diagrama da semiótica de Charles Sanders Peirce. Segundo Peirce (2003, p. 216), todo raciocínio é diagramático, isso porque ao pensar construímos um ícone do nosso estado hipotético de pensamento e passamos a observá-lo. Este observar de hipóteses opera com dinâmica semelhante ao ato de projetar ou testar possibilidades de ação diante da possibilidade de estados das coisas. Assim, a noção de diagrama físico e a noção de diagrama como estratégia para observação das relações e imagens do pensamento coadunam com a prática projetiva. Diagramar é também programar visualmente o deslizar de relações verbo/visual ao longo do tempo ou seja, é traçar o movimento que os olhos farão sobre uma página e entender com que elementos gráficos e verbais esse movimento encontrará e construirá significados.

Depois das mesas de discussão, oficinas de projeto gráfico e planejamento da revista restou um conjunto de definições e regras que os alunos procuraram seguir durante os meses em que a revista esteve em elaboração. Nesse período ocorreu também contato entre os professores e alunos de comunicação e design por telefone, skype e e-mail. As dúvidas eram sanadas com trocas de exemplos e comentários. Ao final a Fraude nº 11 foi lançada em grande estilo.

Resultado: um novo projeto gráfico para a Revista FRAUDE

A Fraude nº 11 foi lançada no dia 21 de dezembro de 2013, no Cine Teatro Solar Boa Vista, em Salvador, a edição 11 foi impressa com 48 páginas, em offset, com grampeamento a cavalo, tamanho de 27,5 x 43cm e miolo em papel couché fosco com gramatura 90. Tendo como matéria de capa o tema “transformistas”, a capa foi impressa em quatro cores, em papel couché fosco 170g. A Fraude #11 tem como seções fixas: índice, expediente e agradecimentos em duas páginas; editorial de duas páginas, e página destinada a apoios (contracapa). Além disso, ela é composta por seis reportagens, dois perfis, duas entrevistas, um guia jornalístico, um infográfico e uma matéria experimental feita por meio de fragmentos de fotografias.

Dentre as características físicas se destaca a modificação do papel de couché para couché fosco o que deixou a revista mais contemporânea e com aspecto tátil mais interessante.

O tema de capa da revista foi muito bem construído e a reportagem que a originou ganhou uma diagramação cuidadosa, na qual a relação verbo/imagem foi muito bem trabalhada. Outra questão interessante foi observar na matéria a bem construída relação com o tempo de leitura pois seu planejamento gráfico permitiu ao leitor descobrir aos poucos a mágica transformação de um homem em uma artista exuberante no palco. Os elementos gráficos dispostos ao longo das páginas não eram mais resultado de uma luta contra o branco do papel, mas sim elementos do discurso que construíam uma narrativa e preparavam o leitor para as revelações ao longo da matéria.



Figura 6. Capa da Revista FRAUDE n°11.



Figura 7. Abertura da matéria de capa Revista Fraude nº 11.

A abertura da matéria de capa conseguiu dar leveza gráfica à diagramação, a preservação de áreas sem preenchimento, a construção cromática entre magenta e branco, a presença de elementos como batom e uma metáfora de espelho dão a dica ao leitor de que se trata de um imaginário feminino, ainda que para isso tenha se recorrido aos elementos clichês, o resultado gráfico é bem delicado e leve. Em relação ao projeto gráfico observa-se a diferença entre esta diagramação e a da matéria “Os santos da Bahia”, presente no painel 1, na qual o texto justificado, o uso pouco cuidadoso da imagem e a insistência do contraste entre o fundo preto e a letra branca conferiam a matéria muito mais um ar de texto policial do que a de uma matéria sobre religiosidade.

Ainda sobre a matéria de capa da Fraude 11 é possível observar é já dissertada relação texto, imagem e tempo conforme as páginas presentes nas Figuras 8 e 9. Pela diagramação da matéria se faz o movimento de desmontagem e revelação do homem por trás da artista transformada. Os elementos de tal transformação são fixados em uma linha magenta que tem função de conectar as páginas da unidade mas também remete a um varal no qual os itens de transformação são pendurados.

Nas duas páginas que encerram a matéria foi possível verificar o aprendizado dos alunos com relação ao correto uso do box, do olho e da legenda. O box foi utilizado para complementar a matéria e garantir uma moldura a última fotografia que retrata o artista em atuação. Os alunos conseguiram seguir as regras de hierarquia de informações e conferir ritmo à leitura.

Dentro da revista merecem destaque algumas outras matérias em função da relação entre os elementos gráficos e textuais: “Donos da rua doidos do bairro” e “Os altos e baixos da ladeira da Montanha”.

A matéria “Donos da rua doidos do bairro” abordou o universo dos moradores de rua que são conhecidos como pertencentes a um determinado bairro da cidade de Salvador e têm algum tipo de desconexão com a realidade. Embora, ainda sobre o impacto do uso de cores na revista, os alunos decidiram que esta matéria traria fotografias em preto e branco ou sépia, conferindo um distanciamento entre o universo retratado e a vida real. O uso da cor foi adotado exclusivamente para títulos e elementos gráficos e a fotografia sangrada sobre a página de abertura garantiu um ar de continuidade da imagem retratada ao leitor. Há que se ressaltar a qualidade das fotografias que conseguiram capturar a postura de donos da rua retratando os mendigos com posição de altivez e superioridade.



Figura 8. Cuidadoso processo inverso de montagem do artista transformista



Figura 9. Cuidado com elementos como olho, legenda e box.



Figura 10. Abertura de matéria em página dupla, perfeita relação texto imagem.

Já a matéria “Os altos e baixos da ladeira da montanha” imprimiu em sua diagramação o movimento de subida e descida, tão característico à rua, ladeira, que antes conectava a cidade alta à cidade baixa. Os textos verbais e visuais foram expostos de modo que o olho do leitor realmente fizesse o movimento de subida e descida da ladeira.



Figura 11. A fusão de duas fotografias anunciam que a reportagem versará sobre o hoje e sobre a memória da ladeira.

A página de abertura da matéria poderia ter sido um pouco mais trabalhada em relação a alinhamentos e espaços, entretanto merece crédito o esforço dos alunos em costurar as relações entre a memória descrita no texto e a memória fotográfica. Já nas páginas seguintes observa-se uma interessante construção com simetria espelhada na qual o uso de imagens do passado e do presente conferem a diferença que o tempo provocou no papel desempenhado pela ladeira na dinâmica da cidade.

Por fim, toda a Revista Fraude nº 11 apresentou grandes modificações em relação aos números anteriores. Entretanto escolheu-se destacar as três matérias apresentadas neste artigo em função da representatividade quanto ao projeto gráfico.

As Revistas Fraude nº 12 e nº 13 tiveram como novidade a construção de infográficos transmídia inaugurando uma relação entre o meio impresso e digital por meio do uso de QRCode. Tal iniciativa amplia as informações sobre o impresso conduzindo o leitor a áudios e vídeos sobre os assuntos e temas apontados no gráfico.



Figura 12. O descer e o subir da rua retratado no planejamento visual.

A importância didática dos PETs

Na reformulação do projeto gráfico da Revista Fraude não se aplicou nenhum método intencional de ensino por resolução de problemas ou elaboração de projetos, entretanto verifica-se que no seu fazer podem ser reconhecidos princípios de polidisciplinaridade, aprendizagem com foco em projeto e aprendizagem a partir da resolução de problemas. Edgar Morin define polissiplinaridade como:

[...] uma associação de disciplinas em torno de um projeto ou de um objeto que lhes é comum. As disciplinas são chamadas a colaborar nele, assim como técnicos especialistas são convocados para resolver esse ou aquele problema. De modo contrário, as disciplinas podem estar em profunda interação para tentar conceber um objeto e um projeto, como já se viu no estudo da hominização. (MORIN, 2000, p. 51)

O PET e a Revista Fraude são referência de experiência didática porque permitem associar conhecimentos diversos, confrontá-los com questões cotidianas e aplicar soluções já estudadas de modo isolado em um projeto conciso e real. Observa-se que a oficina de fotografia, as aulas de semiótica, as relações texto imagem, as aulas de computação gráfica

e de diagramação, bem como a prática jornalística e de produção se coadunam em uma troca ativa entre os estudantes, cada um com seu talento mas com uma visão global em função de comporem o PET.

Como o PETCom é composto por alunos de diferentes séries e cursos, com tempos diferentes de participação no programa, ocorre também a troca de conhecimento entre os próprios bolsistas, participantes mais experientes transmitem seus conhecimentos aos recém chegados.

Os estudantes elegem temas prioritários para conhecimento e propõe para o tutor cursos ou oficinas naquela área. Assim surgiram as oficinas relacionadas ao design, os estudantes buscaram além da oficina de projeto gráfico, a oficina de cartaz e a oficina de diagramação. Em sua maioria, essas oficinas contaram com a presença de um professor da área de design gráfico e um da área de comunicação social, ambos com doutoramento em semiótica, o que tornou a relação verbo/visual bastante efetiva e estudada, resultando nas construções de metalinguagem (JAKOBSON, 1995, p. 127) apontadas e tão bem resolvidas na publicação.

Conclusão

Atualmente já são bastante discutidos os métodos de aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem baseado em projetos. Uma das vantagens de tais métodos é promover educação integral envolvendo recursos humanos e técnicos bem como permitir a transdisciplinaridade, a poldisciplinaridade e a multidisciplinaridade.

De certa forma, a experiência realizada junto ao PETCom UFBA é um exemplo tanto de aprendizagem baseada em projeto quanto de promoção de poldisciplinaridade, integração, interação entre áreas do conhecimento e co-design.

O termo co-design é empregado neste artigo para designar a experiência de elaboração do novo projeto gráfico da revista Fraude de modo integrado envolvendo tanto alunos de jornalismo, produção em comunicação e cultura quanto professores de fotografia, design e comunicação. Também reside neste argumento a construção conjunta do projeto gráfico e a promoção de oficinas para o seu desenvolvimento e implementação.

Diferente da prática comum de mercado, o projeto gráfico não foi construído por uma pessoa ou equipe e entregue ao PET/Com. Ele foi elaborado em conjunto, considerando

as dificuldades e conhecimentos do grupo, esclarecendo a sua importância e função. Tal prática permitiu aos alunos manusear com mais propriedade os elementos constituintes das matérias da revista e conseguir ao final que a diagramação e planejamento visual das páginas fossem tão importantes na constituição da revista quanto o próprio texto verbal. Em termos de jornalismo impresso e revista cultural é de suma importância que o discente consiga atribuir a real relevância a todos os elementos de uma publicação.

Ainda hoje é possível encontrar inúmeros exemplos de impressos nos quais existe grande dissociação entre o texto verbal e a construção visual das matérias e notícias. tal costume é fruto de anos e anos de disciplinarização do conhecimento no qual, para os alunos dos cursos de jornalismo, a diagramação e o projeto gráfico tinham menor importância do que o texto verbal. Felizmente tal característica tem mudado. Após a participação do curso de Design da UnB no PET/Com o colegiado de professores da graduação da Faculdade de Comunicação da UFBA decidiram dedicar uma vaga para professor específico para a área de design gráfico, refletindo a importância do trabalho integrado entre a comunicação verbal e visual.

Em termos de continuidade da Revista Fraude, após o projeto gráfico, já foram publicados dois números e, atualmente há a preparação para a revista referente ao ano de 2016. Nesse meio tempo aconteceu a produção da Fraude 12, sem acompanhamento de professores de Design Gráfico.

Já na Fraude 13 ocorreu completa renovação do quadro de bolsistas e uma nova interação entre o Design e a Comunicação. Durante as novas oficinas e mesas de trabalho, observou-se que a Revista Fraude 11 constituiu um guia sólido para os novos alunos que conseguiam entender, a partir da publicação, quais eram os principais elementos do projeto gráfico e segui-lo. Entretanto a equipe de bolsista anterior não havia deixado o memorial do projeto e seus arquivos disponíveis para a nova equipe. Assim, foi necessário instalação dos arquivos de fontes, construção de páginas mestras e tabelas de cores a partir das revistas impressas. De certa forma, tal acontecimento contribui para verificar a força do projeto gráfico já que a partir do impresso foi possível fazer a 'engenharia reversa' e manter a identidade da revista.

Acredita-se que a experiência da Revista Fraude e do PET/Com UFBA possa incentivar tanto mestres quanto alunos a construir projetos nos quais o aluno possa efetivamente aplicar e relacionar o que é aprendido em sala de aula.

Referências

- AMBROSE, Gavin e HARRIS, Paul. Dicionário visual do design gráfico: Porto Alegre: Bookman, 2009.
- JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LUPTON, Ellen e PHILLIPS, Jennifer Cole. Novos fundamentos do design. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LUPTON, Ellen. Pensar com tipos. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MARCONDES F., Ciro. Dicionário de comunicação (org). São Paulo: Paulos, 2009.
- MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho (org). São Paulo: Cortez editora, 2000.
- PEIRCE, Charles S. Semiótica. Col. Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Sites consultados:

<https://issuu.com/revistafraude>

<http://www.petcom.ufba.br/>

http://www.unb.br/administracao/decanatos/deg/downloads/coord_ped/PPPI%20UnB.pdf

<https://tipos.wordpress.com/2007/01/03/objetivo-classificacao-e-anatomia-2/>

Sobre os autores

Fátima Aparecida dos Santos. Graduada em Design pela Universidade Estadual Paulista, Mestre e Doutora pela PUC-SP em Comunicação e Semiótica, professora na graduação em Design e nos Programas de Pós Graduação em Design e em Arte. Pesquisadora nas linhas de Design Cultura e Sociedade e em Arte e Tecnologia. Tem investigado a relação entre Design, ambiente e cidade, os códigos culturais relacionados tanto ao design, quanto à cidade e os aspectos semióticos do design em suas mais diversas manifestações.

designfatima@uol.com.br

Fábio Sadao Nakagua. Fábio Sadao Nakagawa é professor e atual vice-diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, tutor do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação (PETCOM) e membro do grupo de pesquisa Espaço- Visualidade/ Comunicação -Cultura da PUC/SP (ESPACC).

fabiosadao@gmail.com